

# ENTRE OS GENES E O GÊNERO: RAÇA, BELEZA E VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NAS NARRATIVAS DA BRANQUITUDE

Wanessa Lima do Prado<sup>1</sup>, Matheus Barbosa de Oliveira<sup>2</sup>, Michele Pereira Vilas Novas<sup>3</sup>, San Thiago de Araújo e Silva<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Estudante do Curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio – IFTO. e-mail: wanessa.prado@estudante.ifto.edu.br

<sup>2</sup>Docente do Curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio – IFTO. Orientador. e-mail: matheus.oliveira@ifto.edu.br

<sup>3</sup>Docente do Curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio – IFTO. e-mail: michele.novas@ifto.edu.br

<sup>4</sup>Docente do Curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio – IFTO. e-mail: san.silva@ifto.edu.br

## 1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a publicidade e as redes sociais tornaram-se espaços privilegiados para a construção e disseminação de discursos sobre identidade, beleza, poder e pertencimento. No entanto, mesmo sob a aparência de diversidade e modernidade, muitas dessas narrativas ainda reproduzem padrões coloniais e excludentes. A recente campanha da marca American Eagle, estrelada pela atriz americana, Sydney Sweeney, reacendeu debates sobre representatividade e eugenia ao utilizar um trocadilho entre “jeans” e “genes” para exaltar características fenotípicas associadas à branquitude como símbolos de “bons genes”. Tal associação, embora sutil, reforça uma estética eurocentrada que marginaliza outras expressões corporais e culturais, reiterando a ideia de que apenas certos corpos são dignos de destaque midiático.

Paralelamente, episódios explícitos de discurso de ódio, como os ataques transfóbicos e racistas de Antônia Fontenelle contra a deputada federal Erika Hilton, evidenciam como a ascensão de corpos dissidentes em espaços de poder ainda é percebida como ameaça à normatividade branca, cisgênera e heteronormativa. Nesse cenário, o problema que se impõe é compreender como discursos midiáticos e políticos, explícitos ou mascarados de criatividade, operam na manutenção de desigualdades estruturais. A relevância desta pesquisa reside na urgência de desnaturalizar essas práticas e fomentar narrativas mais inclusivas, contribuindo para um debate crítico sobre comunicação, representatividade e direitos humanos.

## 2 OBJETIVO

Analisar como campanhas publicitárias e manifestações políticas em redes sociais reproduzem ou tensionam narrativas hegemônicas associadas à branquitude, investigando de que forma recursos linguísticos, visuais e performativos atuam na produção e manutenção da violência simbólica.

## 3 MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa caracterizada como estudo de caso com abordagem qualitativa e de caráter exploratório. A abordagem qualitativa imprime uma rigorosa análise interpretativa e reflexiva da ação, sempre comprometida com o estudo de valores, significados, crenças e rotinas presentes no campo investigado” (Borba, 2001, p. 68).

O estudo teve início com uma pesquisa bibliográfica de literatura acadêmica sobre discursos de ódio, raça e gênero. Em seguida, foram tecidas discussões acerca de branquitude, mídia e racismo, fundamentadas em hooks (1992), Kilomba (2019), Bento (2007), Bourdieu (1998) e Pinheiro (2023). A análise do corpus foi composta pela campanha publicitária da American Eagle com Sydney Sweeney (American Eagle, 2025), e do vídeo contendo ataques transfóbicos e racistas de Antônia Fontenelle contra Erika Hilton (YouTube, 2025), buscando compreender como ambos os casos, o publicitário e o político, estão entrelaçados por um pano de fundo comum que é a permanência das narrativas de branquitude como estrutura de dominação e exclusão.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Bento (2007) explica que nascer em um grupo branco significa herdar não apenas privilégios materiais, mas também simbólicos, sustentados por um pacto silencioso. Nesse “Pacto da Branquitude”, cada nova geração usufrui do que foi acumulado e, quase automaticamente, contribui para ampliar esse legado, como se fosse fruto exclusivo do mérito individual. Assim, a branquitude preserva seu lugar privilegiado e mantém, de forma invisível, mas enraizada, as estruturas de poder e exclusão. Kilomba (2019) observa que esse caráter “invisível” não significa ausência, mas justamente o oposto: a branquitude é a medida pela qual todas as outras identidades são avaliadas, demarcando quem é incluído e quem é excluído. Transpondo essa reflexão para o campo midiático, percebe-se que a publicidade e o discurso político se alimentam dessa lógica.

**Figura 1** - Campanha publicitária da American Eagle



Fonte: <https://www.instagram.com/americaneagle/>. Acesso em: 10 ago. 2025.

A ideia de “bons genes”, historicamente ligada ao eugenismo dos séculos XIX e XX, emerge como um elemento simbólico que, embora reconfigurado, mantém sua função original: validar certos corpos como superiores e, conseqüentemente, relegar outros à margem. O trocadilho “jeans/genes” utilizado pela American Eagle exemplifica essa atualização. Sob a aparência de criatividade, ele

reativa um imaginário eugenista, associando características fenotípicas da branquitude a um ideal de perfeição genética, reforçando hierarquias raciais e estéticas. “Existe uma conexão direta e persistente entre a manutenção do patriarcado supremacista branco nessa sociedade e a naturalização de imagens específicas na mídia de massa” (hooks, 2019, p. 29).

hooks (2019) aponta que as estruturas coloniais moldam a forma de ver e ser visto, e que esse olhar, longe de ser neutro, carrega hierarquias e preconceitos que influenciam a percepção social sobre corpos negros, trans, indígenas e outros dissidentes. Kilomba (2019) acrescenta que essa lógica ultrapassa o campo visual e se estende ao discursivo, no qual poucos têm o privilégio de falar e serem legitimados, enquanto outros são silenciados ou desqualificados: “[...] o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido” (Kilomba, 2019, p. 51).

No cenário midiático atual, publicidade e redes sociais, embora se apresentem como espaços democráticos, frequentemente atualizam padrões excludentes. O conceito de *violência simbólica* de Bourdieu (1998) ajuda a compreender esse processo: a imposição de significados e valores de forma tão naturalizada que os próprios dominados os reconhecem como legítimos. A campanha da American Eagle e os ataques de Antônia Fontenelle contra Erika Hilton revelam formas distintas dessa violência, a primeira pela estetização e normatização de um corpo “ideal”; o segundo, pelo ataque explícito à presença dissidente em espaços de poder. Ambos reafirmam a hierarquia racial e de gênero como base da ordem social.

As falas ofensivas proferidas por Antônia Fontenelle contra a deputada Erika Hilton<sup>1</sup> são exemplos evidentes de violência simbólica, que entrelaça transfobia, racismo e misoginia. Expressões como “você é preta do cabelo duro”, “você quer ser branca do cabelo loiro, só que você não é e nunca vai ser”, “é uma trans que teve a chance de mostrar que poderia ter caráter”, representam a perpetuação das narrativas de branqueamento social e o racismo estrutural e de gênero que ainda estão presentes na nossa sociedade.

Erika Hilton representa uma ruptura simbólica no espaço político institucional, historicamente dominado por corpos brancos, cis e masculinos. Sua presença evidencia a exclusão histórica e reafirma a diversidade que sempre existiu, mas foi apagada. As violências contra ela operam como tentativas de restaurar a “ordem” normativa, restringindo o avanço de sujeitos dissidentes. Marketing e discursos públicos, nesse sentido, convergem na reprodução de um sistema simbólico que marginaliza corpos racializados e dissidentes, sustentando hierarquias coloniais. Pinheiro (2023) defende uma educação antirracista como prática cotidiana e política, capaz de ir além da inclusão formal e colocar no centro aqueles historicamente silenciados na produção de saber e poder. Essa

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CYLC5VAsB5A>. Acesso em 12 ago. 2025.

seria uma resposta fundamental para enfrentar as heranças coloniais que moldam as relações sociais e culturais na atualidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da campanha da American Eagle, apresentada na Figura 1, mostra como elementos visuais e linguísticos podem reacender ideologias raciais históricas, neste caso, associando traços fenotípicos da branquitude à noção de “bons genes”. O recurso publicitário ao usar o trocadilho “jeans/genes” mobiliza um imaginário eugenista que reforça padrões excludentes e naturaliza hierarquias raciais. A imagem, portanto, não é apenas uma peça de marketing, mas um dispositivo simbólico que atua na construção de sentidos, legitimando a centralidade da branquitude e invisibilizando outros corpos e identidades.

Quando colocada em diálogo com o caso das falas transfóbicas e racistas dirigidas à Erika Hilton, percebe-se que a lógica é a mesma: manter intactas as estruturas de poder que regulam quem pode ser visto, ouvido e legitimado. Seja pela estética publicitária ou pelo discurso político, o que se preserva é a ordem normativa que marginaliza corpos dissidentes. Diante disso, reafirma-se a urgência de práticas comunicacionais e educacionais antirracistas, capazes de desconstruir esses discursos e ampliar as possibilidades de representação e pertencimento nos espaços públicos e midiáticos.

## REFERÊNCIAS

American Eagle (@americaeagle) 23 de julho de 2025. Página do Instagram.  
Link: <https://www.instagram.com/p/DMdIuUoRYAL/> Acesso: 10 ago. 2025.

BENTO, M.A.S. (2007). Branqueamento e Branquitude no Brasil, em I., Carone & M.A.S.Bento (Orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**, (pp. 25-58), Petrópolis: Vozes.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BORBA, A. M. de. **Identidade em construção**. Investigando professores na prática da avaliação escolar. São Paulo/Itajaí: EDUC/UNIVALI, 2001.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação** / bell hooks; tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019. 356 p. ISBN 978-85-93115-21-9.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023. 160p.